

Senado imprime livros que acabam no lixo

José Vanderlei Pereira

Brasília — Os corredores do Senado e os gabinetes dos senadores estão lotados de publicações feitas pelo centro gráfico do Senado, sem ônus para os autores, para distribuição gratuita, principalmente nos seus Estados de origem. São geralmente livros de discursos e pareceres, com tiragens fantásticas, em papel de primeira, que costumam ser vistos, com frequência, jogados ao lixo.

Um dos maiores clientes do Cegraf, Senador Evandro Carreira (PMDB-AM), reconhece que os livros não rendem muito politicamente: "Servem mais para a memória do parlamentar". Por isso, além dos livros, ele manda confeccionar murais e panfletos para distribuir em Manaus e no alto interior do Amazonas, com tiragens de dois a três mil exemplares, de dois em dois meses.

Altos custos

Há Senador que já mandou imprimir Cr\$ 3 milhões numa única edição de discursos. São altamente elevados os custos, por exemplo, de duas recentes edições de 15 mil exemplares, as duas juntas, encomendadas pelo Senador Itamar Franco (PMDB-MG), 3º secretário da mesa diretora. Uma delas — "desproclamação da república" — é de 10 mil exemplares de 390 páginas cada. Refere-se ao mandado de segurança que patrocinou, juntamente com o Senador Menezes Canalle (PP-MS), contra a prorrogação de mandatos de prefeitos e vereadores. A outra — "Minas no Senado" — é de 5 mil exemplares: tem melhor acabamento de capa e cada volume contém 746 páginas. Somente num dia foram enviados 300 pacotes, de avião, para Juiz de Fora.

Mandou fazer mais três publicações menores: uma revista — *A Imprensa e o Parlamentar* — contendo recortes de jornais sobre a sua atuação no Senado, mais um discurso sobre Pedro Aleixo e uma coleção de pronunciamentos sobre a "denúncia vazia". E ainda é autor de um livro de 232 páginas sobre os projetos apresentados: "Trabalho Parlamentar". São publicações feitas entre 1979 e 1981, com exceção da revista que é de 1977. E não é um dos maiores clientes do centro gráfico, onde o Senador Evandro Carreira (PMDB-AM) já mantém no prelo gratuito o 8º volume da coleção "Recado Amazônico". Só dos 2º e 3º volumes da coleção ele distribuiu 8 mil exemplares, com quase 300 páginas cada. Tudo isso fora as separatas, murais, cartazes e folhetins feitos também em papel de primeira e com amplos recursos fotográficos.

O Senador Humberto Lucena (PMDB-PB) mandou para o seu Estado grande quantidade de seus livros *O Povo no Senado* e *Os Direitos do Povo*, o primeiro com 423 páginas e o segundo com 386. As tiragens iniciais foram de 2 mil exemplares de cada, com capas plastificadas e bem trabalhada em cores. O Cegraf tem-se negado fornecer os valores reais dessas edições.

Regime de cotas

A Câmara, com seus 420 deputados ávidos pela divulgação gratuita, teve de apelar para normas, estabelecendo cotas e respectivos número de páginas para cada parlamentar. Por ato da mesa diretora, foi limitada a cota



"Os Roteiros de uma Luta"
está entre as obras de maior tiragem

de 2 mil exemplares por semestre de impressos baseados num máximo de 50 laudas datilografadas para os discursos de plenário e 500 exemplares para projetos e pareceres. O que passar da cota será pago pelo deputado.

Os senadores não aceitaram o regime de cotas. E a própria direção da gráfica considera o volume de publicações do Senado muito inferior ao da Câmara, justificando que são apenas 67 senadores contra 420 deputados. Por conta disso já houve tiragem de até 100 mil exemplares de publicações menos volumosas encomendada por membro do Senado. O líder do PMDB, Senador Marcos Freire, mandou para Pernambuco uma dessas edições, tipo tablóide.

O Senador Franco Montoro (PMDB-SP) tira no centro gráfico do Senado um jornal *Nessa Luta Continua*, para distribuir em São Paulo. O Deputado Marcelo Linhares (PDS-CE) é outro que também roda, no Geograf, o jornalzinho *A Notícia*. Eram rodados cerca de 40 jornais de parlamentares da gráfica, todos eles à base de oito páginas e de tiragens desconhecidas. Fora disso, os senadores incluem ainda nas suas cotas ilimitadas, publicações de amigos e de escritores de seus Estados. O único Senador que não tem publicações é o Sr Dirceu Cardoso (ES, sem Partido). Seu gabinete exibe apenas as publica-

cões de outros parlamentares e da subsecretaria de publicações técnicas.

Sacos de livros

Pelo próprio tipo da publicação — discursos e pareceres — e sua distribuição gratuita, esses livros não chegam a despertar o interesse do leitor. Nem os próprios autores os leem. São obra relegadas à prateleiras dos gabinetes e terminam sendo atiradas ao lixo, onde são apanhados em sacos de plásticos pelos apanhadores de papéis, nos próprios corredores do Congresso e nos monturos de Brasília.

São milhões em dinheiro jogados fora. Basta dizer que, para o próximo ano, sem incluir as suplementações de pessoal, a Cegraf terá um orçamento da ordem de Cr\$ 1 bilhão 300 milhões. É uma empresa que ocupa oito edifícios, numa área de 36 mil metros quadrados, onde formigam quase 700 empregados, manejando máquinas e computadores, dia e noite, na produção de livros e impressos em geral, para parlamentares e empresas públicas, cuja grande parte se destina ao lixo.

Consciente desse quadro, sua direção se esforça para definir uma política editorial "compatível com as necessidades do Congresso e a realidade do país". Segundo o projeto do novo diretor executivo, Marcos Vieira, isso, traduzido em linguagem compreensível, significa uma tentativa de conscientização do cliente comum do Cegraf sobre a necessidade de reduzir os altos custos das publicações. Os técnicos desejam um "núcleo de controle" no Senado e na Câmara.

Edições técnicas

São 33 terminais de fotocomposição (sistema Atms) ligados ao computador do Prodaten (Processamento de Dados do Senado), 15 linotipos, sete máquinas impressoras off-set e nove de impressão a quente para produzir 1 mil títulos por ano somente na parte de separatas dos congressistas. A Câmara patrocina atualmente cerca de 500 títulos, fora as publicações técnicas e outras consideradas comuns, tais como os códigos de endereços e livros de biografias dos deputados.

Somente a impressão a frio tem capacidade para 80 mil páginas por hora. E uma rotativa impressora tira os jornais diários do Senado, Câmara e Congresso. No Senado, a subsecretaria de edições técnicas tem uma coleção de mais de 30 obras sobre Direito Orçamentário, Direito Constitucional, Direito Financeiro, legislação de segurança nacional e outros assuntos especializados. Essa produção, junto às coleções editadas para o Congresso, é a que se salva para aproveitamento definitivo.

As publicações consideradas inúteis são aquelas relativas aos discursos, projetos e pareceres, exceto quando tais publicações são submetidas a processos seletivos e convertidas em publicações especiais ou coleções específicas sobre a história ou a atuação do Congresso. Nelas são inseridas as grandes peças de oratória e os grandes debates de parlamentares que ilustraram o Legislativo. Mas as publicações individuais dos senadores e deputados são vistas como verdadeiro desperdício.